Recorte Histórico da Educação Especial do IFS dos últimos dez anos

Rodrigo Bozi Ferrete[1], **Alexandre Silva Barreto** [1], **Edvaldo Serafim dos Anjos Sobrinho** [2], **Meire Santos Martins** [2]

[1]Professor Mestre do Curso de Licenciatura em Matemática do IFS. e-mail: rodrigo.bozi@ifs.edu.br
[2]Alunos do Curso de Graduação em Licenciatura em matemática do IFS. Bolsistas do IFS. e-mail: lic.matematica@ifs.edu.br

Resumo: O objetivo dessa pesquisa consistiu em investigar e analisar a escolarização dos alunos com necessidades especiais no Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia de Sergipe (IFS), campus Aracaju-SE, focando os últimos dez anos, quando se intensificou o ingresso de portadores de necessidades especiais e foi criado o Núcleo de Apoio à Pessoa com Necessidades Educativas Especiais (NAPNEE). Destacamos que antes de sua criação não era documentado o ingresso e participação de portadores de necessidades especiais no IFS. Com esse estudo, esperamos iniciar a inserção da História da Educação Especial do IFS no contexto histórico "oficial" desse Instituto, com a expectativa de que esses tenham suas histórias, lutas, dificuldades e vitórias, registradas.

Palavras–chave: Educação, Educação Matemática, História da Educação Inclusiva

1. INTRODUÇÃO

No Brasil, verificamos que nas últimas décadas, tem surgido trabalhos que relatam a história do conhecimento matemático de diversos estudiosos da matemática ou de instituições de ensino de destaque nacional. No entanto, não encontramos dentro da Educação Matemática, trabalho na área da História da Educação Especial, e observamos que, até mesmo, trabalhos sobre a Educação Inclusiva, ainda são incipientes. Tal fato, pode ser explicado por um comodismo ou otimismo, da grande parte dos professores e pesquisadores dessa área, que esperam dos profissionais que trabalham com a Educação Inclusiva, respostas imediatas a todos os desafios relacionados a essa temática. Temos observado que a reação do professor, ao se deparar na sala de aula com um aluno com necessidades especiais, consiste em perguntar para o aluno como o professor deverá proceder para superar os desafios metodológicos, a fim de que consiga desenvolver seu conteúdo. Em seguida, procura alguém responsável na direção da escola que possa responder a pergunta. Porém, a resposta não é simples, são diversos tipos de necessidades especiais, e a falta de pesquisas, implica em uma literatura ainda insuficiente para dar suporte a tantos questionamentos.

A fim de começarmos a reverter esse cenário, lançamos mão dessa pesquisa, que teve como objeto de estudo, os alunos com necessidades educacionais especiais que estudam, ou estudaram, no IFS campus de Aracaju - SE, nos últimos dez anos de sua história e, infelizmente, encontram-se à margem da história dessa Instituição, como se todos os alunos do Instituto fossem iguais. Só fazem parte da história dessa instituição os alunos "bem sucedidos", aqueles que se formam "com louvor".

ISBN 978-85-62830-10-5
VII CONNEPI©2012

Esse fato, foi elucidado nas conversas entre os professores que ao lembrar-se de determinadas turmas, citam como referências os alunos que se destacavam com notas acima da média. Já os alunos com necessidades especiais, são lembrados apenas por suas "deficiências", e que, muitas vezes, são ironizadas pelos próprios professores e alunos. Isso ocorre na Instituição, por existir em sua comunidade uma completa exclusão da história dos alunos com necessidades educacionais especiais. Assim, suas conquistas, lutas, angústias e derrotas, são ignoradas pela história e as contribuições das centenas de alunos com necessidades especiais que estudam ou estudaram no IFS, ao longo dos seus cem anos, são desprezadas.

A partir da última década do século XX, acentuou-se a discussão do caráter inclusivo da escola, salientamos que pode ser evidenciado pela Declaração de Salamanca (Espanha, 1994), que afirma sobre a necessidade da instituição escolar acolher a todos alunos e ministrar a cada um a necessária educação. A partir disso, muito tem se discutido sobre: as formas de fazer essa inclusão; a diferença entre incluir e inserir; como o professor deve trabalhar as necessidades especiais dos alunos; como sensibilizar e preparar os professores para desenvolver esse trabalho; entre tantas outras questões que envolvem o tema sobre Inclusão Escolar.

Porém, poucos trabalhos foram produzidos sobre a História da Educação Especial, principalmente, na região nordeste do país. A falta de pesquisas históricas, nessa área, tem deixado perguntas sem respostas na discussão da inclusão escolar, bem como, um buraco na História da Educação Brasileira. Souza (2007, p. 25) levanta as seguintes perguntas:

> Como se configurou a gênese da educação de surdos em Aracaju?
>
> Quais os princípios e práticas que norteiam o nascimento da educação de surdos em Aracaju?
>
> O que se modificou com o tempo?
>
> Quais as bases teóricas que nortearam a criação e a implantação das duas Instituições pioneiras, a Escola de Surdos do Centro de Reabilitação Ninota Garcia e a Escola 11 de Agosto?
>
> Quais os principais atores sociais envolvidos nessa gênese?

A partir desses questionamentos, a autora defende a inclusão, na História da Educação, da História da Educação Especial, destacando que em manuais clássicos da História da Educação, como Cambi (1999), Lopes e Galvão (2000), entre outros, não abordam essa importante temática.

Desta forma, buscamos contribuir com os trabalhos de Souza (2007), que trabalha com a história dos surdos em Aracaju; e Souza (2005 e 2009), que trabalha com a história da Educação Especial em Sergipe, a fim de compreender melhor a História da Educação Especial em Sergipe.

Nesse sentido, lançamos mão dos questionamentos que tentamos responder com esse trabalho, mas deixamos evidente a necessidade de desenvolver mais pesquisa, pois não conseguimos, ainda, responder a todas as questões: como ocorreu a trajetória da Educação Especial no IFS? Quais os princípios e práticas que nortearam o ingresso dos primeiros alunos com necessidades especiais no IFS? Quais foram os principais atores e personagens envolvidos na história da educação especial do IFS? Quais as principais mudanças ocorridas no processo de inclusão escolar do IFS? Quantos e quais alunos com necessidades especiais conseguiram concluir seus cursos no IFS? Quais as influências dos alunos com necessidades especiais na metodologia dos professores de matemática do IFS?

2. MATERIAL E MÉTODOS

Os instrumentos utilizados nessa pesquisa foram: análise bibliográfica, análise documental, entrevistas semi-estruturadas. Foi realizada também uma revisão bibliográfica sobre o tema, além da análise documental que consistiu no estudo da documentação legal referente ao ingresso e acompanhamento dos alunos com necessidades especiais na Instituição.

A análise documental incluiu: histórico dos alunos, relatórios das monitorias e do acompanhamento desses alunos, consulta ao material produzido por eles e por seus professores, relatórios e documentos expedidos pelo NAPNEE, diário dos professores de matemática que tiveram alunos com necessidades especiais; matérias em jornais e revistas que permitam acessar as práticas e os saberes difundidos acerca dos alunos com necessidades especiais no IFS.

As entrevistas semi-estruturadas foram realizadas com: os professores e técnicos administrativos que atuam ou atuaram no NAPNEE; professores de matemática que tiveram ou tem alunos com necessidades especiais; servidores aposentados que trabalharam com esses discentes; alunos com necessidades especiais que estudam ou estudaram na Instituição selecionados em nossa amostra; seus familiares e amigos que acompanharam sua trajetória dentro da Instituição; alunos que atuam ou atuaram como monitores de alunos com necessidade especial; bem como, servidores que desenvolveram ou desenvolvem trabalhos com os alunos especiais.

Durante a realização dessas entrevistas buscamos trabalhar o relacionamento de informações históricas e sociológicas, segundo a concepção de Elias (2001), na qual explicita que essa relação, e estrutura de forma coerente a relação do indivíduo e de seus atos, uma vez que o indivíduo não aparece mais de forma isolada, independente dos demais. Nesse sentido, o indivíduo é apresentado da maneira como é observado, como um sistema próprio, aberto, orientado para a reciprocidade, e ligados por interdependências dos mais variados tipos. Freitas (2003, p. 12), complementa que um trabalho histórico-sociológico com:

> A utilização das histórias de vida, relatos orais, depoimentos, memórias e biografias, em conjunto com outros documentos, permitem um diálogo instigante entre os processos de formação/escolarização, os projetos familiares e as escolhas profissionais.

Desta forma, procuramos compreender os alunos com necessidades especiais como indivíduos pertencentes a uma sociedade, buscando entender seus projetos profissionais, sua estrutura familiar, os motivos que o fizeram escolher o curso e a Instituição, a fim de podermos entender, de forma mais abrangente, a história da educação especial no IFS.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em seu sitio oficial na *internet* (www.ifs.edu.br), o IFS relata que sua história se inicia há mais de cem anos, quando o então Presidente Nilo Peçanha, no dia 23 de setembro de 1909, assinou o Decreto, no qual instituiu as Escolas de Aprendizes e Artífices em todo Brasil. Porém, a escola em Aracaju, só passou a funcionar, a partir do dia 1º de maio de 1911, com o nome de Escola de Aprendizes e Artífices de Sergipe, sendo à última a ser instalada, face às dificuldades financeiras enfrentadas pelo governo do Estado. Em 1915, diplomou-se a primeira turma da escola, e os primeiros alunos, receberam prêmios compensadores como passagem para fazer cursos de Especialização nos Estados Unidos.

Em 1937, as Escolas de Aprendizes passaram a denominar-se Liceu. Em Sergipe, passa a chamar-se Liceu Industrial de Aracaju até 1942, quando passou a ser denominada Escola Industrial de Aracaju, com a edição da Lei Orgânica do Ensino Industrial. Em 1958, a Escola Industrial de Aracaju, passou por uma reforma curricular e conquistou a equivalência com o ensino médio, e foi transformada em Autarquia Federal, adquirindo autonomia didática, financeira, administrativa e técnica.

Somente em 1965, ocorreu a mudança do nome da instituição, que até então se chamava Escola Industrial de Aracaju para Escola Técnica Federal de Sergipe. Em 1986, o governo lançou o plano de expansão do ensino técnico com a implantação de 200 novas Escolas no Brasil. Porém, só em 1988, inicia-se a construção da Unidade Descentralizada de Lagarto - UNED, que começou a funcionar em 1994, com os cursos de Edificações e Eletromecânica.

No ano de 2002, a Escola Técnica de Sergipe, transforma-se em Centro Federal de Educação Tecnológica de Sergipe – CEFET-SE. Nesse mesmo ano, o ingresso de alunos com necessidades

especiais, passa a ser acompanhado pelo Núcleo de Apoio à Pessoa com Necessidades Educativas Especiais (NAPNEE), com sede no campus de Aracaju.

Sete anos mais tarde, em 2009, o Governo Federal cria 38 Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia. O CEFET-SE e a UNED de Lagarto, une-se com a Escola Agrotécnica Federal de Sergipe, e foram transformadas no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Sergipe – IFS. Passou a oferecer do ensino médio integrado ao profissional, cursos superiores de tecnologia, bacharelado em engenharias e licenciaturas.

Nos sete primeiros anos de existência, o NAPNEE acompanhou o ingresso e o desempenho de noventa e nove alunos com necessidades especiais, conforme o quadro abaixo:

Tabela 1 - Ingresso dos alunos com necessidades especiais no IFS de 2002 a 2009

Ano	Quantitativo de alunos Deficientes que ingressaram	Curso de ingresso	Tipo de deficiência	Situação Atual
2002	3	Ensino Médio	2 DF; 1 DA	Todos Reprovados
2003	12	Ensino Médio	6 DF; DFM; 1 DMV; 1 DA; 3 DM	10 Ap; 2 Re
2003	2	Técnico	1 DV; 1 DF	2 Ap
2004	17	Ensino Médio	9 DF; 1 DFM; 1 DMV; 2 DA; 4 DM	9 Re; 8 Ap
2004	6	Técnico	1 DM; 4 DF; 1 DV	3 Ap; 3 Re
2004	4	Tecnológico	4 DF	2 Ap; 2 Re
2005	19	Ensino Médio	10 DF; 2 DM; 4 DA; 3 DM	8 Ap (1 Formado); 12 Re
2005	15	Técnico	6 DF; 3 DM; 3 DV; 3 DA	6 Apr (2 Formado); 9 Re
2005	5	Tecnológico	5 DF	4 Ap; 1 Re
2006	20	Ensino Médio	7 DA; 10 DF; 1 DV; 1 DMV; 1 DMF	7 Ap (3 Formado); 13 Re
2006	26	Técnico	6 DV; 13 DF; 4 DA; 3 DM	15 Ap (3 Formados); 11 Re
2006	5	Tecnológico	5 DF	5 Ap
2006	3	Superior	3 DF	2 Ap; 1 Re
2007	15	Ensino Médio	3 DA; 9 DF; 1 DV; 2 DMF	10 Ap (4 Formados); 4 Re
2007	2	Integrado	1 DF; 1 DV	2 Ap
2007	23	Técnico	4 DA; 5 DV; 1 DM; 11 DF; 1 DMV; 1 DA	9 Ap (3 Formados); 14 Re
2007	6	Tecnológico	6 DF	3 Ap (1 Formado); 3 Re
2007	4	Superior	3 DF; 1 DV	3 Ap; 1 Re
2008	9	Ensino Médio	5 DF; 1 DA; 1 DFI; 1 DVI; 1 DA	7 Ap (6 Formados); 2 Re
2008	3	Integrado	1 DF; 1 DV; 1 DA	2 Ap; 1 Re

2008	20	Técnico	6 DA; 2 DV; 1 DM; 11 DF	10 Ap (3 Formados); 10 Re
2008	7	Tecnológico	6 DF; 1 DV	6 Ap (1 Formados); 1 Re
2008	3	Superior	2 DF; 1 DV	3 Ap
2009	3	Ensino Médio	1 DV; 2 DF	
2009	3	Integrado	1 DV; 1 DF; 1 DA	
2009	15	Técnico	13 DF; 2 DA	
2009	5	Tecnológico	4 DF; 1 DV	
2009	4	Superior	3 DF; 1 DV	

DF = Deficiência Física; DA = Deficiência Auditiva; DFM = Deficiência Física e Mental; DMV = Deficiência Mental e Visual; DM = Deficiência Mental; DV = Deficiência Visual; DVI = Deficiência Visual e Intelectual. AP = Aprovado; RE = Reprovado

Ressaltamos que dos 99 alunos acompanhados pelo Núcleo, nesses sete anos, apenas 27 alunos conseguiram concluir os cursos que ingressaram (14 concluíram o Ensino Médio; 11 concluíram curso Técnico e 2 alunos se formaram no curso Tecnológico em Ecoturismo). Observamos, ainda, que o índice médio de reprovação dos alunos com necessidades especiais é de aproximadamente 44%, excluindo os alunos que passam de ano ou semestre, e ficam de dependência em alguma matéria. Esse índice só não é maior, devido o grupo de profissionais que atua no NAPNEE, auxiliando esses alunos em seus estudos.

Porém, a história desses alunos e dos que entraram nessa Instituição de Ensino, antes da criação do NAPNEE, é negligenciada pela instituição e pela sociedade como um todo, não fazendo parte da história oficial do IFS.

6. CONCLUSÕES

Salientamos que esse trabalho está apenas no início, pois ainda temos muito a pesquisar e a resgatar da participação dos alunos com necessidades especiais no IFS, que foi uma das primeiras Instituições de Ensino no Brasil, a incluir cotas para alunos com necessidades especiais, em 2002. No entanto, infelizmente abandonou essa prática completamente no ano de 2009, e desde então, o NAPNEE só tem registrado o acompanhamento dos alunos que solicitam ajuda a este Núcleo.

Analisando o número de alunos com necessidades especiais aprovados e reprovados em cada ano, verificamos que nos anos de 2002, 2004 e 2005 tivemos mais alunos reprovados do que aprovados. Em 2002, todos os alunos foram reprovados. Em 2003, 2006, 2007 e 2008, tivemos mais alunos aprovados do que reprovados. Ressaltamos que a taxa média de reprovação, no período de 2002 a 2008, foi de 41,21%. Podemos destacar que o baixo desempenho desses alunos, reside no fato

do Instituto exigir de todos, aquilo que ele não dá para todos, ou seja, condições igualitárias para que todos consigam desenvolver suas atividades.

Esse fato torna-se notório, quando observamos que infelizmente junto à criação do NAPNEE, não foi instituído um programa de inclusão institucional, ou seja, faltou um trabalho de sensibilização e informação para que esses alunos fossem realmente incluídos. Isso, tornou-se evidente quando ouvimos depoimentos de alunos com necessidades especiais que relataram terem sido coagidos por professores e colegas de sala, a desistir de seus cursos, alegando que eles não teriam condições de cumprir os pré-requisitos necessários para concluir as disciplinas.

Ferrete; Ferrete e Souza (2009, p. 2) ao pesquisarem sobre as dificuldades metodológicas de um deficiente visual no curso de Licenciatura em Matemática do IFS, concluíram que a grande dificuldade no processo de ensino-aprendizagem da matemática, para o aluno deficiente visual pesquisado, consiste no fato de que para ele poder compreender os conceitos matemáticos, há necessidade de que uma pessoa possa transformar conceitos abstratos em algo tateável. Assim, mostraram que quando isso é feito, o aluno consegue compreender o conceito por mais abstrato que este seja. Eles explicaram que:

> [...] o invento de um aluno do próprio curso de Licenciatura em Matemática do IFS, permitiu ao aluno com deficiência visual, através do encaixe de dois quadrados de papelão sob um ângulo de noventa graus, formando quatro quadrantes, uma melhor compreensão do campo tridimensional. Desta forma, o aluno pode tatear um espaço tridimensional, e melhor compreender conceitos matemáticos como o da ortogonalidade de vetores.

Desta forma, defenderam que inventos como o citado acima, tecnologias de baixo custo, não são comumente difundidos nas escolas, entre os professores, e provavelmente, outro deficiente visual que tiver que aprender o mesmo conceito, terá possivelmente à mesma dificuldade, e, provavelmente, seu professor não utilizará esse recurso por não conhecê-lo, a menos que inventos como esse, sejam largamente divulgados.

Estes fatos, reforçaram a necessidade de uma maior publicação na área da História da Educação Especial, difundindo assim atitudes, conceitos, inventos criados e/ou adotados para o ensino de alunos com necessidades especiais. Os trabalhos publicados nessa área, poderão contribuir para uma melhor compreensão de suas necessidades, como também mostrar alternativas de trabalhar tais necessidades e proporcionar o surgimento de novas abordagens.

Destacamos que um ensino mais humanizado, talvez não faça parte da prática da maioria daqueles que rejeitaram colocar seus esforços para a educação dos que possuem necessidades educacionais especiais. Contudo, quando falamos de "educação humanizada", não estamos nos referindo à opção por um rebaixamento na qualidade das aulas ministradas; nem na falsa facilitação da aprendizagem; nem filantropia; e muito menos, na superficialidade com que os conteúdos curriculares, muitas vezes, são ministrados. A educação inclusiva calca-se no paradigma de que os diferentes devem ser tratados de forma diferente.

Dessa forma, numa sociedade como a nossa, onde as desigualdades sociais são gritantes, e o discurso corporativista de uma elite pesa mais do que o coro da imensa maioria de brasileiros que está à margem do mercado de trabalho. A bandeira de uma escola menos excludente, é uma questão que não pode ser resolvida sem luta para uma verdadeira democratização do poder e do espaço social, onde as desigualdades sejam menos díspares. Finalizamos, parabenizando os 27 alunos com necessidades especiais que conseguiram se formar no IFS no período de 2002 a 2008.

REFERÊNCIAS

CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. São Paulo: UNESP, 1999.

ELIAS, Norbert. A sociedade de Corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

FERRETE, Rodrigo Bozi; FERRETE, Anne Alilma S. S; SOUZA, Verônica dos R. M. Tecnologias assistivas e inclusão no ensino da matemática. In: **III Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade**. Itabaiana-SE: UFS, 2009.

FREITAS, Anamaria G. B. de. **Educação, Trabalho e Ação Política**: sergipanas no início do século XX. 2003. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2003.

LOPES, Eliane, M. T.; GALVÃO, A. M. O. **História da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

SOUZA, Rita C. S. **Educação Especial do século XIX ao século XX**: cuidar e educar para civilizar. 2009. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

SOUZA, Rita C. S. **Educação Especial em Sergipe**: uma trajetória de descaso, lutas, dores e conquistas. Aracaju: UNIT, 2005.

SOUZA, Verônica R. M. **Gênese da Educação dos Surdos em Aracaju**. 2007. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.